



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16139 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

FORMAÇÃO DO “EXCEDENTE INELIMINÁVEL”: VITALIDADES RADICAIS CONTRA A ANTI-NEGRITUDE

Luis Thiago Freire Dantas - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Prociência - UERJ

Essa comunicação tem como princípio enfatizar como a dessemelhança é o “impensado” no discurso educacional. Principalmente no que se refere às maneiras de tratar temáticas com perspectivas não comuns ao campo da pesquisa. Para elucidar isso, o objetivo principal consiste em pensar os limites da noção de formação humana, o quanto ela pode estar permeada de interpretações modernas que reproduzem um colonialismo epistemológico. Nesse sentido, há uma intenção de homogeneizar, unificar, o modo como se produz conhecimento, delimitando as fontes e inferiorizando outras com o epíteto de saberes. Contudo, o ato de conhecer é impulsionado por sujeitos e, assim, vale questionar: quem são aqueles designados como tais, ou ainda, quem são os pertencentes à humanidade?

Esse questionamento fundamenta as compreensões de uma pesquisa que questiona desde a própria noção de filosofia até a atuação no campo educacional como um desejo de reproduzir o outro como um semelhante, não promovendo a alteridade radical. Em decorrência, o esquema metodológico trata-se de uma análise textual da seguinte passagem da *Crítica da Razão Negra* de Achille Mbembe (2018, p. 92): “O fato de ser escravo, de ser colonizado, de ser alvo de discriminações ou de toda a sorte de abusos, vexações, privações e humilhações em virtude da cor da pele não muda absolutamente nada nisso. *Continuo a ser um ser humano, por mais intrínseca que seja a violência das tentativas que pretendem me fazer acreditar que não sou*” (destaque meu). Em certo sentido, a continuidade de ser humano é uma subversão diante das estratégias de delimitação de humanidade, ou seja, “Esse excedente ineliminável, que escapa a qualquer captura ou fixação num estatuto social e jurídico e que nem a própria ocisão seria capaz de interromper, nenhuma designação, nenhuma medida administrativa, nenhuma lei ou atribuição, nenhuma doutrina e nenhum dogma poderão apagar” (Mbembe, 2018, p. 92). Por isso, uma das frestas que se abre é questionar: as narrativas das pessoas racializadas permanecem subalternizadas? No sentido de que o projeto de um universalismo abstrato encontra falhas justamente por não atentar para as particularidades que lhe compõe: “Minha ideia de universal é um universal rico com todos os particulares, uma profunda coexistência de todos os particulares” (Césaire, 1956 apud

Grosfoguel, 2012, p. 95). Uma vez compreendida a ausência de subalternidade, quais espaços formativos constituem essas outras narrativas? Até mesmo na implicação do modelo escolar com a distância entre aquilo que modernamente pretende encerrar as pessoas racializadas e o quê elas promovem como vitalidade? Uma escola que lida com o “excedente ineliminável” seria aquela na qual “nenhuma medida administrativa, nenhuma lei ou atribuição, nenhuma doutrina e nenhum dogma poderão apagar” (Mbembe, 2018, p. 92)?

Todas essas perguntas nos encaminham para o cultivo de uma radicalidade que requer outra articulação com a temporalidade e ratifica alternativas epistemológicas aos problemas filosóficos e educacionais. Influenciado por essa passagem de Mbembe, três pontos serão importantes para detalhar o que se entende aqui por *vitalidade radical*. No primeiro momento, organiza-se uma conversa entre Ailton Krenak (2023) e Antônio Bispo dos Santos (2023) em que há uma problematização acerca do entendimento de “formação”, o quanto modernamente há um desejo de distanciamento entre Terra e humanos, fazendo-a um recurso de matérias-primas voltadas apenas para o consumo. De tal maneira, os valores humanistas têm como pano de fundo o não reconhecimento da animalidade que nós somos. Por isso denomino uma necessidade de “confluências terranas” na formação humana. O segundo ponto aprofundará nos termos “fuga”, “fugitivo”, em Dénèm Touam Bona (2020) e Beatriz Nascimento (2021) para destacar como uma coletividade dita como subalterna não se conforma com as diretrizes hegemônicas e produzem marcas de suas vidas, até desorientando as determinações do hegemônico na atuação de uma criatividade que recria o território daquilo que é possível conhecer. No terceiro, recorrerei a expressões culturais para dar protagonismo às vidas silenciadas. No caso, partindo como exemplo, selecionei o conto “Ana Davenga” de Conceição Evaristo (2018), pois a sua leitura me proporciona detalhar como corpos marcados pela morte social, conforme indica Frank Wilderson III (2021), ainda encontra brechas na própria vivência para ser humano. Por consequência, tais circuitos nos revelam que a humanidade não pode ser definida externamente, já que ela é a expressão de *vitalidades radicais*.

Principalmente se acompanhamos Wilderson III (2021, p. 235), de que nosso ambiente provoca “um reconhecimento coletivo de que o tempo e o espaço da escravidão compartilham aspectos essenciais com o tempo, o espaço, a violência, de nossas vidas modernas”. Esse trato com outra temporalidade também evoca um método que proporciona ao discurso filosófico educacional não apenas o campo cognitivo, mas principalmente o jogo dos afetos. Nele o corpo é um meio, uma passagem, entre o que foi e ainda vai acontecer, ou nas palavras de Leda Maria Martins (2021, p. 132), “vivenciar o tempo significa habitar uma temporalidade curvilínea, concebida como um rolo de pergaminho que vela e desvela, enrola e desenrola, simultaneamente, as instâncias temporais que constituem a pessoa”.

Nesse conjunto, afirmamos que a dessemelhança nos projetou para aquilo que está no mundo e como habitualmente tentamos decifrá-lo conforme nossos padrões, categorias, metodologias intrínsecas a nossa mente. Portanto é urgente aos processos educacionais questionar a tentativa de estabelecer “uma humanidade”, pois no cerne das demandas de produtivismo incessante, “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (Krenak, 2019, p. 9). Por isso, a dessemelhança sempre aparece para nos lembrar que por maior força a razão tente se impor, a vida sempre escapa.

PALAVRAS CHAVE: Colonialismo epistemológico; Formação humana; Racismo antinegro.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro, RJ: Pallas Míni, 2018.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo-espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita para mãos negras*. São Paulo: Zahar editora, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu editora, 2023.

TOUAM BONA, Dénètem. *Cosmopoéticas do refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

WILDERSON III, Frank B. *Afro-pessimismo*. São Paulo: Todavia editora, 2021.